

A LITERATURA INFANTIL PARA A 1ª SÉRIE DO 1º GRAU NA DÉCADA DE 1980: AS INDICAÇÕES DO GUIA DE LEITURA DE 1989 ÀS ESCOLAS DE PORTO ALEGRE, RS

LA LITTÉRATURE JEUNESSE POUR LA 1ÈRE ANNÉE DE L'ÉCOLE PRIMAIRE DANS LES ANNÉES 80: LES INDICATIONS DU GUIDE DE LECTURE DE 1989 AUX LES ÉCOLES DE PORTO ALEGRE, RS

Luciana Cristina Porfírio¹

RESUMO: Este texto descreve e analisa as indicações de livros literários para a 1ª série do primeiro grau, presentes no Guia de Leitura (GL) para alunos de 1º e 2º Graus do Centro de Pesquisas Literárias da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS), publicado em 1989, considerado um corpus documental profícuo que permite inferir em que bases se dão a tríade infância, escola e Literatura Infantil (LI) na década de 1980. O referencial teórico ancorou-se nos aspectos históricos do surgimento do sentimento de infância e reforma escolar durante a ascensão da burguesia no final do século XVII e início do XVIII, as características da LI e sua relação com a temática social, origens e evolução desse movimento literário no Brasil. A leitura dos títulos recomendados levou à percepção de que a produção literária para o público infantil tem em conta as características dos leitores iniciantes, no período, tentando se distanciar do pedagogismo, mas estrangulando aspectos literários, preocupados com uma psicologia presumida sobre a infância. Alguns obstáculos estão relacionados a um período marcado pela intensidade de produções deste tipo de literatura. A amostra descrita apresenta a literatura ofertada para crianças entre 7 e 8 anos. As Considerações Finais problematizam a literatura infantil pautada na crença da sua autossuficiência, marcada pelo psicologismo, e limitada ao mercado editorial e o elevado apelo visual sobre o linguístico, além de manter as características comuns de guias voltados para orientações que tentam impor um determinado modo de selecionar livros paradidáticos.

Palavras-chave: História da infância; literatura infantil; guia de leitura de 1989.

RÉSUMÉ: Ce texte décrit et analyse les indications des livres littéraires de 1^{re} année de école primaire, publiés en 1989, présents dans le Guide de lecture (GL) pour les élèves de l'école élémentaire, collège et lycée du Centre de recherche littéraire de l'Université catholique pontificale (PUC-RS), considéré comme un corpus documentaire fructueux qui permet de déduire sur quelle base la triade enfance, école et littérature enfantine (LI) dans les années 1980. Le cadre théorique était ancré dans les aspects historiques de l'émergence du sentiment de l'enfance et de la réforme scolaire l'essor de la bourgeoisie à la fin du XVIIe et au début du

¹ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-FE-USP. Professora Adjunta na Universidade Federal de Goiás-UFG, Regional Jataí. Doutora integrada a Rede de Pesquisa Internacional PoSoc 19 - América Latina, políticas multiníveis comparadas e enfrentamento de crise antipandêmica em países francófonos pela ULB - Université Libre de Bruxelles, Bélgica.

XVIIIe siècle, les caractéristiques de LI et sa relation avec le thème social, les origines et l'évolution de ce mouvement littéraire au Brésil. La lecture des titres recommandés a conduit à penser que la production littéraire pour enfants prend en compte les caractéristiques des lecteurs débutants, à l'époque, essayant de se distancier du pédagogisme, mais étranglant les aspects littéraires, soucieux d'une psychologie présumée de l'enfance. Certains obstacles sont liés à une période marquée par l'intensité des productions de ce type de littérature. L'échantillon décrit présente la littérature proposée aux enfants de 7 à 8 ans. Les considérations finales problématisent la littérature pour enfants basée sur la croyance en leur autosuffisance, marquée par le psychologisme, limitée au marché éditorial et au fort attrait visuel sur le linguistique, en plus de maintenir les caractéristiques communes des guides d'orientation qui tentent d'imposer une certaine manière de sélectionner les livres pour les enseignants.

Mots-clés: Histoire de l'enfance; Littérature jeunesse; 1989 Guide de Lecture.

Introdução

O trabalho propõe uma breve análise das indicações de livros de Literatura Infantil (LI) para a 1ª série do 1º Grau, publicada pelo Guia de Leitura (GL) para o 1º e 2º Graus, organizado pelo Centro de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul (PUC/RS) em 1989. Eco (2010), em *A vertigem das listas*, trata da infinitude e da possibilidade de multiplicação dos elementos da cultura humana nas várias listas existentes, cujo esforço de enumeração, por mais cuidadoso que seja, mantém sempre algo que permanece alhures. Sua obra permite compreender como uma simples lista vincula-se a uma ampla dimensão que envolve inúmeros aspectos que vão desde a seleção, formas de conceber o leitor, o contexto político, o mercado editorial e seu público-alvo e a sua organização com fins pedagógicos, nem sempre alinhados ao ético e o estético literário.

A literatura infantil, desde suas origens, esteve vinculada à formação pedagógica, para ensinar a ler e estimular o gosto pela leitura, uma prática considerada capaz de ampliar a visão de mundo fundada na crença de que o contato diário com os livros permite interpretar melhor o mundo, internalizando sua cultura e os saberes historicamente acumulados, estando portanto ligada à própria história da humanidade e suas transformações. Caldeira (2002) afirma que os livros têm aproximadamente seis mil anos de história, apresentando-se sob as mais diversas formas, tipos de materiais e olhares. Desde as pinturas rupestres em cavernas, o homem vem lendo e registrando códigos comunicativos do seu cotidiano em cascas de árvores, pedras, metal, couro, papiros, pergaminhos, tábuas de barro, tijolos, folhas de palmeiras, etc., até chegar ao papel e à constituição dos livros impressos, a partir da invenção de Gutemberg, e hoje, pelas mídias digitais com livros em formato eletrônico.

A história da leitura, dos leitores, da literatura e dos livros conta com uma vasta produção², mas não é o propósito deste artigo resgatá-las, mas sim, refletir sobre a produção de

² Para contextualização e aprofundamento da historiografia da leitura, literatura e livros ao longo da história da humanidade, cf. CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999; e, CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. (org.). *A nova história cultural*. Tradução de Jefferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 211-238.

um Guia de Leitura contextualizado em um período de expansão do mercado editorial a partir das recomendações feitas a leitores iniciantes.

1 Aspectos históricos sobre a infância e sua relação com a gênese da Literatura Infantil

Em todas as culturas, tradições, costumes, valores, mitos fundadores, arte, conhecimentos são expressos por um povo para preservar sua identidade e transmitir tudo isso às gerações seguintes. E a íntima relação entre narrativas orais e a produção literária vincula-se a estas práticas culturais. O embrião da Literatura Infantil (LI) teve suas raízes na Novelística Popular Medieval, cujos primeiros registros remontam à Índia, mas se firmou como gênero literário apenas no final do século XVII, decorrente da efervescência das transformações sociais europeias, período marcado por conflitos religiosos, como a Reforma e a Contrarreforma, a constituição e a ascensão da burguesia social, o surgimento do sentimento de família e, concomitante a este, o de infância, e a reorganização escolar.

Até o início do século XVIII, as escolas eclesiásticas eram precárias e destinadas à formação religiosa, com esporádicos cursos avulsos oferecidos por mestres-escolas autônomos e ofertado a pouquíssimas pessoas. Ariès (1981), em *História Social da família e da criança*, destaca que, até o século XVIII, não havia um sentimento de infância, porque as crianças eram vistas como adultos em miniatura e compartilhavam igualmente da vida adulta, o que era extensivo também para a literatura adulta que circulava na sociedade.

Peter Burke (1995) indica que era costumeiro esse compartilhamento da vida adulta com as crianças, assim como o infanticídio devido às más condições de existência, como a fome, as pestes e as precárias condições de higiene e saúde. Indicações estas também compartilhadas por outros historiadores. Sobreviver à primeira etapa da vida se constituía em um desafio, porém, passado esse período, por volta dos sete anos de idade, as crianças eram encaminhadas para aprendizagem de uma profissão. Durante a Idade Média, esta experiência da vida social seria obtida através dos valores, da religião, cultura e seu lugar social, não sendo nenhum conteúdo proibido às crianças, incluindo aí a literatura.

Com a Idade Moderna e o modelo familiar burguês, baseado na privacidade e nos cuidados com os filhos, surgiu um movimento iconográfico religioso e pedagógico, marcado por um didatismo e conservadorismo que concebia as crianças como dotadas de características próprias, pueris e divinas que influenciou os modos de se educá-las. Esta ascensão da burguesia trouxe consigo a estratificação social que repercutiu na literatura infantil, que passou a ser distinta, a depender da classe social. As crianças da nobreza eram ensinadas por preceptores com narrativas de clássicos sobre grandes feitos heroicos; as das classes populares, os contos de cavalarias, lendas, fábulas, folclores, literatura de cordel, com vieses de caráter moral, disciplinar e de submissão, estruturando modos de pensar específicos para os desprivilegiados socialmente.

Para Zilberman (1985, p.13), “Literatura infantil e escola, a primeira inventada e a segunda reformada, foram convocadas para cumprir sua missão”. Esta adequação literária por classe social acarretaria, de acordo com Cunha (1995), uma metamorfose literária, fazendo emergir escritores tradicionais, mundialmente reconhecidos, como Perrault, que escrevia para adultos, mas que teve um volume dedicado à infância extraído de contos populares, dotados de características morais e poéticas, bem como os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm³, que os

³ Fanny Abramovich (1997) informa que Charles Perrault dedicou-se à literatura para adultos, adaptando-a dos

recontariam após um século.

Para Escarpit (1981), o *Orbis Sensualium Pictus*, livro com gravuras escrito por Comenius, em 1658, para o ensino de latim⁴, foi um dos primeiros escritos para crianças, contendo ainda diversas outras atividades voltadas para a infância, como rimas, adivinhas, jogos de palavras e que circulavam de forma avulsa, mas cujos elementos comporiam ao longo dos anos a gênese literária infantil. As adaptações de histórias ao público infantil, para ele, Zilberman (1985) e Cunha (1995), foram decorrentes das preocupações da escola em fornecer uma literatura, incorporando-lhe interesses didáticos e úteis para a formação do homem, pela via da educação moral, como no caso das fábulas; de gênero e classe social, nos contos de fadas; na obediência e no temor, no caso das lendas, etc.

As produções destinadas à infância mantinham (como ainda mantêm) uma representação de mundo, contendo todos os determinantes sociais oriundos do eurocentrismo burguês, das quais são hereditárias. O documentário *Crianças invisíveis* (2006)⁵ e o livro de Postman (2005), *O desaparecimento da infância*, distinguem criança e infância, porque em uma sociedade binária, dividida em classes sociais, a infância não é vivida do mesmo modo por todas as crianças. O modo como um autor concebe infância influencia, portanto, sua produção literária. Hunt (2010) afirma que são as idealizações sobre esta fase da vida determinantes dessa produção, e por isso mesmo, ora vistas como seres frágeis, inocentes e dependentes dos adultos e ora como sendo portadoras de voz, em desenvolvimento por estágios, mas capazes de compreender o mundo e seus conflitos sem a imposição de valores.

1.1 Características, origens e evolução da Literatura Infantil no Brasil

A Literatura Infantil (LI) detém características próprias, com uma linguagem curta e direta, número limitado de páginas, ilustrações adaptadas ao contexto narrativo, personagens protagonistas crianças, animais, heróis de ação e aventureiros. Quando destinadas às crianças em início de alfabetização, isto é, aquelas que ainda não dominam os códigos escritos, é comum haver uma sobreposição do visual sobre o textual. Dotada de diversidade temática e estruturas próprias, abrange uma multiplicidade de gêneros, sendo os mais comuns contos de fadas, fábulas, lendas, mitos, variados poemas (lúdicos, sonoros e visuais), histórias modernas⁶, peças teatrais ou narrativas por imagens.

No Brasil, o embrião da LI foram as produções de pedagogos, de origem portuguesa, logo após implantação da Imprensa Régia, em 1808, com a chegada de D. João VI ao país. Silva

contos populares, sendo sua única obra elaborada para crianças o livro *Contos da mamãe gansa*. a autora ainda indica que os irmãos Grimm, iniciadores da filologia germânica, consagrados como representantes do Romantismo, associados também ao folclorismo, à história e à poética alemã pelos contos populares.

⁴ Muito próximo ao que se conhece hoje por “livro didático”.

⁵ O documentário franco-italiano com sete curtas-metragens dirigido por diferentes cineastas, Ridley Scott, Mehdi Charef, Emir Kusturica, Spike Lee, Kátia Lund, Jordan Scott, Stefano Veneruso, John Woo, originalmente lançado no exterior em 2005 e no Brasil em 2006, contou com o apoio da Unicef e a renda do filme foi convertida para essa organização, uma vez que seus cineastas trabalharam em regime de solidariedade e gratuitamente. O projeto retrata as muitas infâncias, sendo a violência e a marginalização de crianças em várias partes do mundo, são as muitas infâncias existentes em diferentes nações que desmistificam a idealização da infância.

⁶ Pequenos contos que incluem personagens clássicos, crianças, animais e que buscam chamar atenção dos pequenos para valores como: amizade, liberdade, responsabilidade, respeito, gentileza, brincadeiras, a partir de uma narrativa que explora o visual por textos diagramados, cores, etc.

(2019, p. 108), ao historicizar o mercado editorial brasileiro afirma que com a nova sede do Império houve ampliação da máquina administrativa, que ocasionou uma quantidade significativa de documentos para concretizar decisões, legislação, papéis diplomáticos e todos os atos das repartições do serviço real, motivo pelo qual se deu a implantação da Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808, primórdios do chamado mercado editorial nacional que foi se impondo lentamente, “[...] pois a proibição da política colonial portuguesa de atividades editoriais, cujas temáticas se opusessem ao governo, os bons costumes e a religião, impediam o avanço das tipografias no início do século”.

Até o início do século XIX, os textos literários eram escritos com intenções didáticas e moralizantes, com atividades representadas pelo jornalismo e por traduções e adaptações de contos europeus, cujos principais representantes, conforme Corso (2014), foram: Alberto Figueiredo Pimentel, que adaptou *Contos da carochinha*, *Histórias da avozinha*, *Histórias da baratinha*; Carlos Jansen, *Contos seletos das mil e uma noites*, *Robson Crusóé*; *As viagens de Gulliver às terras desconhecidas*, Tales de Andrade, *Saudade*; Caetano Lopes de Moura, Jovina e Ciro Cardoso Francisco de Paula Brito, dentre outros.

Somente no Século XX, no entanto, concomitante ao processo brasileiro de modernização social e urbanização, que a LI se estabeleceu, a partir de Monteiro Lobato, em 1921, com *A menina do narizinho arrebitado*, em que associava o lúdico a uma linguagem acessível em histórias tipicamente brasileiras que foram ambientadas no *Sítio do Pica-Pau Amarelo*⁷. As histórias giravam em torno de uma avó e seus netos e a existência de personagens fabulosos: uma boneca de pano falante, um intelectual espiga de milho, um sábio porco rabricó, Tia Anastásia (cozinheira negra do sítio), Saci-Pererê (menino negro de uma perna só), Tio Barnabé (O sábio preto velho que sabe tudo de mata), a Cuca malvada (A bruxa com corpo de jacaré fêmea), dentre outros. Existem críticas polêmicas sobre a obra de Lobato reproduzir o racismo, mas para Lajolo (1983) a sua importância consiste na viabilização, circulação e difusão do texto literário infantil no país⁸.

Posteriormente às obras de Lobato, houve um período de estagnação na produção da LI e, de 1920 até 1970, os esforços nacionais voltaram-se para a erradicação do analfabetismo adulto⁹. Até 1872 o analfabetismo entre a população escravizada atingia a quase totalidade, índice tão elevado que, conforme Silva (2019), não favoreceu o mercado livreiro até a metade da primeira República, o que tornou o acesso à educação e aos livros uma marca distintiva das classes sociais. A partir de 1970, a LI reemerge no cenário brasileiro, isso porque houve a sua integração como disciplina nos currículos de formação docente e a expansão de cursos de pós-graduação que estimularam o interesse de pesquisadores, inicialmente, nos cursos de Letras e, posteriormente, nas demais áreas.

Simultaneamente despontaram novos autores e uma crescente diversificação de livros

⁷ Em sua trajetória, Lobato adaptou contos clássicos europeus (Perrault, Irmãos Grimm, Andersen), sendo suas obras mais conhecidas: *A menina do narizinho arrebitado*, *Reinações de Narizinho*, *Fábulas de Narizinho*, *Emília no país da gramática*, *Memórias de Emília*, *Jeca Tatuzinho*, *no reino das águas claras*, dentre outras.

⁸ Bianca Campello Rodrigues da Costa, em sua dissertação defendida no PPGL da UFP, em 2012, esboça os muitos olhares e perspectivas em torno do autor e editor, intelectual do século XIX inserido em sua classe e tempo, a oligarquia agrária brasileira, ao fazer uma análise comparativa de sua obra infantil ao sistema literário brasileiro e o movimento modernista na década de 1920.

⁹ O Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) tinha como prioridade alfabetizar a população urbana iletrada de 15 a 35 anos, pela sua importância produtiva como mão de obra e, a partir de 1974, jovens de 14 anos, para desinchar as classes de 1ª séries. O Mobral se mostrou ineficiente, mas serviu para alertar que o investimento deveria ocorrer na educação de base, tendo a LI como uma aliada.

pelo crescimento do público leitor, que esteve diretamente ligado a Lei 5.692/71 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/71), em seu Art.1º, § 2º para implementação e implantação do ensino de 1º e 2º Graus, obrigando que o ensino e o currículo (Art. 4º, Inciso III, § 4º) fossem ministrados em língua nacional como expressão da cultura brasileira. Assim, pode-se dizer que, desde a sua origem a LI esteve atrelada ao sistema de ensino e, somente na década de 1980 é que surgiram campanhas de incentivo à leitura¹⁰.

A escola, por sua vez, teve um importante papel na valorização da alfabetização e instrução na modernização do país, servindo como um instrumento na educação dos gentílicos, por meio dos primeiros livros trazidos pelos estrangeiros às famílias brasileiras, via o acesso às províncias mais ricas que, de acordo com Hallewell (2005, p. 242) possibilitou “[...] a formação de um mercado viável de livros de nível elementar”. Ao se tornar alvo de pesquisas em sua relação com a escolarização, a LI foi deixando para segundo plano os aspectos das representações de mundo e de infância nestas produções.

2 *Corpus* documental: o Guia de Leitura e as recomendações para a 1ª série do 1º Grau

A escolha de um Guia de leitura produzido na década de 1980 em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, justifica-se por demonstrar uma espécie de gramática - de longa duração, na elaboração destes guias aos pais e professores para a escolha de paradidáticos, supostamente mais adequados às faixas etária dos seus filhos e alunos. Mas também pelo fato de sua elaboração ter partido de uma pesquisa inovadora que dialogou com professores e alunos do ensino fundamental, distinguindo-se da forma como eram elaborados os demais guias ao longo da história no Brasil.

O problema que mobilizou a escolha do Guia de Leitura (GL/1989) refere-se às práticas de produção e circulação de livros na escola, materiais que indicam paradidáticos para serem usados por professores e cujo objetivo incide sobre práticas discursivas com características orientadoras do seu trabalho com a literatura no ensino fundamental, um dispositivo de normatização sobre o ensino de literatura infanto-juvenil.

Em termos metodológicos sua escolha se baseia no fato de ser uma importante fonte documental, tanto pelo nível de influência que estes guias têm nas escolhas dos livros pelos professores para classes de alfabetização, quanto por desvelar aspectos da história da leitura e da literatura infanto-juvenil que ainda não receberam nenhum tipo de tratamento analítico. Por meio do exame de materiais desta natureza, é também possível a identificação de concepções e saberes subjacentes de infância, educação, literatura infantil, família e sociedade.

2.1 O Guia de Leitura: contexto de produção e a descrição das recomendações

O Guia de Leitura (GL) para o ensino de 1º e 2º Graus, aqui considerado *corpus*

¹⁰ No âmbito das políticas públicas houve investimento no Instituto Nacional do Livro (INL), órgão governamental, coeditor de livros em parcerias com editoras que proporcionavam a publicação destes livros infantis e incentivava o surgimento de escritores. A racionalização dos custos na produção de livros literários promovidos pela Fundação de Amparo ao Estudante (FAE/MEC) trouxe obras de qualidade duvidosa. As bibliotecas escolares foram fartamente abastecidas na década de 1980, o que tornou o governo brasileiro o maior cliente da indústria editorial (BORDINI, 1998).

documental, foi o resultado de uma pesquisa coordenada pela Profa. Dra. Maria da Glória Bordini junto ao Centro de Pesquisas Literárias da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), publicado em 1989.

O estudo ocupou-se do levantamento e análise da produção literária infanto-juvenil, a partir de 1984, que encontrava-se disponível no mercado editorial. Foram consultados 800 títulos e apenas 212 recomendados, conforme critérios estéticos e ideológicos estabelecidos pelo grupo, com vistas à orientação de pais e professores na seleção de livros mais adequados a cada faixa etária. Também foram entrevistados 98 docentes e 330 discentes, realizando um diagnóstico da situação do ensino de literatura nestas escolas de 1º e 2º Graus, tendo como premissa, o desconhecimento do professorado do Estado sobre o material literário destinado a crianças e jovens no mercado.

Composto de três partes, o GL tem, na primeira delas, quatro capítulos teóricos versando sobre leitura, literatura infanto-juvenil e sua necessária dissociação do didatismo pedagógico, influência dos meios de comunicação de massa, as precárias habilidades interpretativas de leitura da população brasileira e o importante papel do ato de ler no cotidiano da escola e das famílias. A segunda, contém a descrição dos 212 títulos recomendados, divididos pelas seriações do 1º e 2º Graus, informações sobre autoria, editora, classificação de gênero, enredo e aspectos estéticos e ideológicos presentes nas obras. Na terceira, um apêndice contendo o passo a passo da pesquisa que resultou na produção do guia.

O recorte em torno da seriação (1ª) deve-se às características de ser um tipo de literatura destinada aos leitores iniciantes ou não leitores, crianças no primeiro de alfabetização e a tentativa de produzir uma lista literária que, em tese, poderia contribuir com a formação deles auxiliando nessa aprendizagem. Para a 1ª série, foram indicados no GL 42 títulos, com predominância de uma literatura com foco narrativo, no tempo presente, espaço urbano, rural e fantástico, personagens humanos e animais, cujos critérios para a seleção dos gêneros foi uma dada concepção de leitor estabelecida por Bamberger (1977)¹¹, cujo recorte foram as características leitoras mais próximas às das crianças matriculadas nesta série, que no período em questão girava em torno dos 7 ou 8 anos¹².

O referencial utilizado para a seleção dos títulos para a 1ª série aqui apresentados foram definidos no GL (1989, p.30) para a faixa etária de crianças dos 5 a 8 anos, na qual há um predomínio da fantasia sobre a razão e o animismo. Para eles, o material literário tem que ser focado em textos curtos, ilustrados, coloridos com uma narrativa linear, linguagem coloquial, simples, com frases e períodos mais complexos. Poemas com poucas estrofes e mais rimas, cômicos ou animistas, acento no ritmo, no jogo sonoro e com imagens.

¹¹ Associado a fatores materiais e estruturais do livro referentes a gêneros, personagens, focalização, graduados por série/idade, com os parâmetros psicológicos sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente simplificados para consulta rápida. O quadro referencial centrou-se sobre a leitura de literatura em torno do lúdico, da integração do intelecto e da afetividade, sendo o ponto de partida para a conquista do leitor relutante (GL, 1989, p. 29).

¹² O ensino de nove anos na educação básica, introduzido pela Lei Federal nº 11.114/2005, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96), de Ensino Fundamental de 1ª a 8ª “séries” para 1º a 9º “anos”, eliminando o termo “alfabetização” do ensino infantil para “Educação Infantil”, integrando-o ao cuidar, o educar e o brincar; e o Fundamental, dividido em etapas I e II, que ganhou uma série a mais, a nona, sendo o I, compreendido do 1º ao 5º ano e o II, do 6º ao 9º ano. A partir daí, também, as crianças passaram a ser matriculadas, obrigatoriamente no Fundamental I com 6 anos de idade. A correspondência entre série/ano é contínua, sendo o 1º ano, equivalente ao que anteriormente se denominava “alfabetização no ensino infantil” e o 2º ano, a primeira série desta etapa.

O referencial teórico trazido pelo guia buscava mostrar sua utilidade social e cultural, seu papel na escola e os critérios das escolhas baseados na formação de sujeitos leitores na perspectiva cognitiva, social e afetiva. A leitura, enquanto prática cultural (CHARTIER, 2001) integra as vivências e influencia a constituição das subjetividades a partir das condições existenciais dos indivíduos. Dos 42 livros listados 40 eram narrativas e 2 poesias, conforme o quadro a seguir.

Quadro 1. Agrupamento dos livros recomendados por gênero

Gênero literário	Títulos dos livros para 1ª série (1º Grau) do Guia de Leitura/1989	Quant./livros
cotidiano	<i>Moto de brinquedo/No cabide da vovó/Luciana e a bolsinha nova/Luciana em casa da vovó/Luciana na janela/Luciana na pracinha/Meu cavalo invisível/Abaixo o bicho-papão/Zuza e Arquimedes/A maior boca do mundo/Um palhaço diferente/Ida e volta/Gilberto/ Pachachá e o peixinho.</i>	15
animais	<i>Gigi/O azar do Curuçá/O caso dos ovos/O pato poliglota/Macaquinho/A roupa do rei/O saco/O caracol viajante/O galo maluco/O pato e o sapo/O peixe pixote/Pintinho Pelado/Pomba Colomba/Tuc-Tuc na cidade.</i>	14
animista	<i>Bola melada, cola colada/ Quem casa quer casa/O dedal da vovó/ Cara de lua cheia/Medo do escuro/ Nuvem menina</i>	06
aventura	<i>A nova aventura do ratinho/O ratinho que morava no livro</i>	2
Contos de fadas	<i>Chapeuzinho Vermelho</i>	1
Fábula	<i>O rato do campo e o rato da cidade</i>	1
horror	<i>O barulho fantasma</i>	1
Poesia folclórica	<i>Moça formosa, pai carrancudo</i>	1
Poesia descritiva	<i>Maria-fumaça</i>	1

Fonte: Elaboração própria, adaptado de apêndices p. 267 a 274.

Os títulos descritos no quadro 2 foram publicados no período de 1984 a 1986, sendo 9 em 1984, 22 em 1985, 6 em 1986 e 1 sem indicação de data¹³. Do total, (4/42) são livros oriundos do Sul, todos os demais da região Sudeste. Foram 25 livros de São Paulo/SP, 9 de Belo Horizonte, MG, e 4 do Rio de Janeiro, RJ. Nesses, o fator tempo foi predominantemente o presente (27), sendo 13 indeterminados e 2 atemporais. Os espaços urbano, rural, floresta, mata, litoral e céu foram explorados, com narrativas que se passavam em casas das famílias, na rua da escola e nela, na cidade, sendo os fantásticos ou fictícios aqueles que tinham o céu, o

¹³ Trata-se do livro de Enrique Mazzetti, *Cara de lua cheia*, ilustrado por Márcia M. Guimarães, Editora Bakana, Coleção entrou por uma porta e saiu pela outra, Belo Horizonte, MG, 1986.

lago, as páginas de um livro como cenário¹⁴.

A relação da literatura com a noção de tempo teve seu apogeu a partir da década de 1980, advinda das contribuições da História Cultural, a qual trouxe para o campo literário as possibilidades de diálogo com a história e a memória, sendo o tempo um dos conceitos mais complexos para as crianças. A LI lança mão do imaginário para aproximar-se do que ela tem por vivido, ao menos naquilo que se acredita que ela vive, sendo este “vivido” um dos norteadores curriculares para que a criança compreenda os conceitos de passado ou futuro.

Enredo, aspectos estéticos e ideológicos também estiveram presentes, no caso das poesias, resultantes da preferência dos leitores da 1ª série por apresentarem estrofes curtas. Os assuntos prediletos levantados pelos estudantes na pesquisa foram humor, aventuras, conto de fadas, personagens crianças ou jovens, heróis, fantasmas e robôs. Convém ressaltar que a produção no período mantinha os tradicionais contos do cotidiano e animais nas fábulas, não prestigiando a literatura de massa, como a dos super-heróis, muito embora estes estivessem despontando como sendo os preferidos pelas crianças.

Os títulos indicados¹⁵ foram compostos de historietas curtas, com letras maiores, destinadas para leitores em início de alfabetização¹⁶ e pensados nessa dupla função da LI, literária e de uso pedagógico. Os gêneros “fábula” e “contos de fadas” apareceram uma vez, sendo predominantes as narrativas do cotidiano (14), com animais (15) e animistas (6). Quanto ao gênero das personagens, a proporção estimada foi de (26/42) para personagens masculinos e (14/42) feminino e 1 sem definição de gênero¹⁷.

A prioridade dada às narrativas, na perspectiva de Bruner (1997), tem a vantagem de organizar as experiências a partir de características estruturais próprias, sequencialidade, conflitos, estados mentais e emocionais, personagens com capacidade para desenvolvimento de afetividades, real ou imaginária, como uma metáfora para a realidade. A literatura corresponde a um direito que, como ressalta Cândido (1972), em linhas gerais, forja um povo e lhe confere patrimônio cultural, pela via da ficção, da fantasia para a compreensão da realidade em seus aspectos culturais, sociológicos, mas também pela possibilidade de dialogar de forma profunda com as subjetividades de cada um. Há um universo de relações pessoais entre a criança, o mundo adulto com a qual ela convive e as histórias narradas. Por meio destes enredos elas podem brincar com a imaginação e dar sentido às representações culturais existentes.

Foram apresentados os resumos de todos os livros indicados. Nas narrativas com animais (14/42), estão presentes tanto os domésticos quanto os “selvagens”: girafas, coelhos, macacos, tamanduá, ratos, galo, galinhas, pintinho, patos, pomba, pássaros, Tuc-Tuc, sapos, peixes, caranguejos e caracol. Nas histórias do cotidiano (15/42), predominaram personagens compostas por crianças brancas, sendo apenas uma indígena - *Pachachá e o peixinho*, e nenhuma com crianças negras.

As aventuras traziam protagonistas animais ou crianças, e de comportamentos de

¹⁴ Do total de 42, foram 21 indicadas como urbanas, 4, 1 simultaneamente rural e urbano, 7 rural, 2 no céu, 2 nas páginas de um livro, 2 no lago, 1 no litoral 3 indeterminado, incluindo as poesias

¹⁵ Um destes títulos não apresentava data de publicação, outro, sem autoria. Porém, nesse período o aumento na produção de livros infantis foi decorrente da expansão do mercado editorial e, portanto, dentro do recorte temporal estabelecido (1984-1986) pela pesquisa que deu origem ao Guia.

¹⁶ O processo de alfabetização na década de 1980 iniciava-se por volta dos 7 ou 8 anos, idade para a qual foram recomendados os livros da 1ª a 8ª série do Guia.

¹⁷ Do total de 26 personagens masculinos, 14 de animais, 7 de humanos e 4 de elementos da natureza. Dos 14 femininos, 2 animais, 9 humanos e 3 elementos da natureza.

consumo, emoções, melancolia e outras subjetividades. As poesias e o conto de fadas atendiam aos aspectos estéticos, sonoros e linguísticos, para as características leitoras, no intervalo de idade 5 até 9 anos, tal como descrita por Bamberger (1977), e as animistas, por lançarem mão de múltiplos recursos, como magia para dar vida aos objetos inanimados, transgredindo a realidade e sobrepondo-se ao científico¹⁸.

2.2 Das capas dos livros indicados

As imagens de capas dos livros recomendados para a 1ª série foram obtidas no Google e selecionadas a partir das imagens disponibilizadas por vários sítios de vendas e editoras, tais como Saraiva, Mercado Livre, Estante Virtual¹⁹ para observar as características visuais e o padrão da composição tipográfica, com letras maiúsculas ou “bastão” utilizadas para alfabetização. A fim de condensar estes endereços sobre as imagens foi organizado o quadro 4, após as imagens das capas, no qual se apresenta o sitio de venda ou da editora, seguido do endereço, que se encontra oculto na própria palavra *link*, e dos títulos dos livros²⁰. 7

2.2.1 Painel das capas dos livros recomendados no Guia

Quadro 3. Capas dos livros indicados para a 1ª série



¹⁸ As referências dos livros infantis recomendados para a 1ª série do 1º Grau no Guia de leitura de 1989 encontram-se ao final desse artigo.

¹⁹ Exceto de três livros: “Cara de lua cheia”, “Papai virou cambalhota” e “Gigi”, cuja imagem foi retirada do interior de um livro didático.

²⁰ A imagem do livro *Gigi*, de Abras Santuzas Coelho foi retirada da atividade de um *blog* porque a imagem da obra não consta nem nos sítios, nem nos livrinhos. À descrição das imagens retiradas do sítio de vendas Estante Virtual, predominante na busca foi acrescida do respectivo livrinho/sebo que disponibilizou a imagem do livro, seguido do título.



Fonte: diversas, elaboração própria, conforme descrição no quadro 4.

Essas capas, conforme se verifica, traziam as ilustrações alusivas às narrativas contadas e configuradas para uma linguagem visual integrada ao verbal, e não desenhos aleatórios para enfeitar. Trata-se de uma estratégia que possibilitaria ao público não leitor realizar inferências, aspectos estéticos estes que se associam ao projeto gráfico, visando aferir sentidos ou anunciando seu conteúdo. Por mais simples que possa parecer, esta leitura das imagens pelas crianças não é instintiva, exige sensibilidade para a decifração e inferência com base em seus conhecimentos prévios de mundo. Nas práticas pedagógicas, tais imagens são subutilizadas e poderiam ser mais bem aproveitadas, já que a ilustração e a narrativa estão conectadas, apresentando esse hibridismo funcional, literário e pedagógico, que só foi encontrado no livro *Ida e volta*, de Juares Machado.

Quadro 2. Links de origem de onde as imagens foram selecionadas e títulos buscados

Localização	Links contendo endereço da página de onde foi extraída a imagem
Mercado Livre	link <i>Moça formosa, pai carrancudo</i> /link <i>O azar do Curuçá</i>
Livra Livros - livraria	link <i>Luciana em casa da vovó</i>
Livraria Cultura	link <i>Moto de brinquedo</i>

Estante Virtual	<i>link Quem casa quer casa [Oliveira Livros]/link Pachachá e o peixinho</i> <i>link Cola melada, bola colada [Sebo da Lili]/link Macaquinho [Dona Clara livraria]</i>
Imagens dos Blogs	<i>link No cabide da vovó [Vivendo com arte]/link Tuc Tuc de Paula Saldanha [Do Livro infantil]/ link Gigi [Blog de Alfabetização]</i>
Livraria Saraiva	<i>link Luciana na pracinha/link O pato e o sapo/link Meu cavalo invisível</i> <i>link Pomba Colomba / link Pintinho pelado / link Rato do campo e rato da cidade /link O caso dos ovos /link Abaixo o bicho-papão /link Ida e Volta/link O pato poliglota /link Galo maluco /link A maior boca do mundo / link o dedal da vovó /link Zuza e Arquimedes /link O caracol viajante/ link O barulho fantasma / link O saco /link Chapeuzinho Vermelho /link Um palhaço diferente /link Nuvem menina / link A nova aventura do ratinho</i>
Livraria Travessa	<i>link Maria-Fumaça /link A roupa do rei</i>
Amazon virtual	<i>link O ratinho que morava no livro /link Medo do escuro /link Luciana na janela/link O peixe Pixote</i>

Fonte: Elaboração própria

O processo de produção literária para atender o mercado editorial infantil tem, no ilustrador, uma figura importante, porque é ele quem transmite a identidade visual. Não raro, autores concebem o projeto linguístico de suas obras em conjunto com os ilustradores de sua confiança. Não era comum na década de 1980 o livro-objeto ou brinquedo, experiência que cresceu com a expansão do mercado editorial atualmente consolidado e que constitui um recurso de atratividade para o público infantil.

Reforça-se aqui, a importância de tornar não só este GL/1989 como também outros, no contexto de suas produções e associações, como fontes documentais, tanto para a história da LI, quanto para seus usos e inserção escolar na contemporaneidade que, do mesmo modo como na década de 1980, apesar dos avanços existentes, parece ainda ser refém de um mercado editorial oportunista que condiciona qualidade impressa a valores econômicos, no cenário brasileiro, não acessível para todos, sem desconsiderar, contudo, o esforço empreendido por esse grupo de pesquisa no período em questão.

Considerações finais

Coelho (1981) e Zilberman (1985) demonstram em seus estudos que a LI se vinculou historicamente à pedagogia, agregando realismo, fantasia e ilustrações, sendo igualmente dotada de características próprias, que conjugou às funções artísticas, lúdicas e educacionais. Esse panorama descritivo no GL (1989) evidenciou que a sua criação esteve limitada ao que foi disponibilizado no mercado editorial brasileiro durante o seu período de expansão e com produção diversificada.

Compreender a LI recomendada na década de 1980, enquanto gênero literário para a 1ª série, permite inferir que, em nível mundial e nacional, ao longo do tempo, a literatura passa por alterações, mas mantendo o diálogo com as práticas culturais e sociais coexistentes. Gouvêa (2005) afirma que a historiografia percebe a literatura como um campo de produção, circulação, difusão e apropriação cultural, pensada e usada como ferramenta para a apreensão da dinâmica

sociocultural em diferentes momentos históricos. Ao examinar as indicações após 40 anos, é possível verificar o que se mantém na LI, tendo em vista o leitor iniciante e os recursos textuais e visuais apresentados pelas capas e o descritivo do enredo no Guia.

O *corpus* documental dos títulos propostos continha elementos textuais de referência simples para facilitar a produção de sentidos apoiados nas ilustrações próximas do grafismo infantil, frases curtas, com letras maiúsculas para codificação e decodificação da leitura. Utilizadas unicamente como elementos facilitadores, a presença de ilustrações, além de insuficiente, ainda pode ser indício de um empobrecimento da LI. Lajolo (1982) em *O texto não é pretexto* afirma ser artificial a literatura na escola, pelo fato de os professores usarem-na como pretexto para alfabetizar, ensinar ortografia, gramática, destituindo aspectos de conteúdo social e crítico passíveis de constituírem a obra. Para a autora, perde-se a oportunidade de aferição de sentidos outros a partir das experiências de mundo, além da possibilidade de refutar o lido, refazendo a leitura sob outra ótica. O uso da LI associado aos interesses capitalistas do mercado editorial, muitas vezes, banaliza a LI, distanciando-a da formação crítica que ela proporcionaria.

Editoras e autores diversos, coerentes com a expansão do mercado livreiro na década de 1980, consequência do período nacional-desenvolvimentista que exigia por lei ensino e publicações em Língua Portuguesa, tornaram propícia a elaboração do Guia e as indicações ali presentes. Das 37 editoras contactadas pelos pesquisadores, apenas 13 delas remeteram seus exemplares para análise, 8 enviaram contatos com seus distribuidores locais e 16 não responderam. Dentre as editoras que enviaram exemplares estão: Agir, Lê, Marco Zero, Mercado Aberto, Kuarup, L & PM, Nórdica, Moderna, Brasiliense, Miguilim, Record, Memórias Futuras, Paulinas; dentre as 8 que oportunizaram contatos:, Ática, Atual, Antares, Bakana, Melhoramentos, FTD, Rios e Globo.

Quanto à quantidade de livros enviados pelas editoras, foram: 2 da FTD, 2 da melhoramentos, 2 da Kuarup, 7 da editora Lê, 16 da Ática e 11 das demais, com 1 livro de cada, a saber, Agir, Ao Livro Técnico, Cultrix, L&PM, Memórias Futuras, Mercado Aberto, Moderna, Nova fronteira, Paulinas, Siciliano e Vigília. A maior quantidade de livros foi remetida pela Editora Ática, de São Paulo, o que certamente explica a predominância de obras recomendadas oriundas do Sudeste. Apesar de ter sido um trabalho de fôlego e relevante, o GL/1989 restringiu-se a prescrever títulos restritos ao que estava sendo produzido por este mercado editorial.

O critério de exclusão de 588 títulos, de acordo com o relatório apresentado pelo Guia, referia-se ao pedagogismo com imposição de valores adultos, sem levar em conta a etapa do desenvolvimento da criança. Mesmo assim, é possível inferir que houve, nestas indicações, a sobreposição da qualidade estética para atender àquilo que se preconiza sobre o universo psicológico infantil. Exploraram-se os gêneros tradicionais, adaptados para um contexto social urbano mais próximo da criança, histórias do cotidiano, seguidas de histórias de animais e poesias. Por outro lado, se não estiveram marcados pelo pedagogismo, a descrição dos enredos denuncia um psicologismo sobre a infância, não considerando, que, no contexto porto-alegrense, diferentes infâncias ali coexistiam.

O diagnóstico das escolas porto-alegrenses demonstrou que seu público infanto-juvenil não tinha a leitura em sua vida cotidiana como algo prioritário, mas, uma vez a ela expostos nas escolas, demonstravam clareza naquilo que queriam, sobretudo as narrativas e a poesia. Contudo, no momento de sua elaboração, por contar com o que havia naquele mercado editorial, o GL (1989) recomendou obras que não se orientavam por aspectos estéticos-ideológicos explícitos, mas por apelos visuais e redução textual, aproximando-se tais livros da

produção industrial de massa. A diversidade autoral e editorial das indicações mantiveram a fórmula das décadas de 1920-1930 preconizadas por Monteiro Lobato e, depois, com alguns autores emergentes e que foram referências na década de 1970, como Ruth Rocha e Ana Maria Machado, mesmo assim com um elevado apelo visual, sobrepondo-se ao linguístico-verbal para o primeiro ano de escolarização.

A elaboração do Guia com as indicações dos livros de literatura infantil na década de 1980 foi um importante movimento da universidade - PUC/RS, mas as indicações não ultrapassaram o limite daquilo que foi disponibilizado pelas editoras que responderam ao contato e enviaram os livros para análise. Nesse sentido, o interesse mercantil, em especial da região Sudeste, em levar as suas publicações para o Sul, prevaleceu sobre a situação e conveniência efetivamente diagnosticadas na pesquisa de levantamento de interesses de professores e alunos da cidade.

Levando-se em conta que, em seu processo histórico, a literatura como um gênero tem sido complexa e duradoura, além do fato de, no levantamento dos interesses, as crianças optarem por narrativas com super-heróis já trazer indícios de que, na elaboração de um Guia, por mais relevante que tenha sido sua produção no período, ocorreram abordagens distintas por alunos e professores. Para as crianças, certamente o valor de um livro está muito mais na capacidade que este tem de emocioná-la do que no conteúdo explícito ou implícito que este possa vir a apresentar. Mesmo assim, cada vez mais afastada do seu casamento com a pedagogia, para os professores, a LI manifestará este caráter híbrido, envolvendo simultaneamente as características literárias e o utilitarismo paradidático, o qual sucumbe à pressão do tempo escolar para alfabetizar e letrar as crianças, em detrimento do valor literário.

Enquanto dispositivo normatizador, o GL/1989 teve as características comuns desse tipo de material de suporte para a prática pedagógica, sendo, a primeira, uma espécie de convicção de que os professores, neste caso, os gaúchos ativos na década de 1980, são mal formados para o trabalho com a leitura literária na escola, tanto que dedicou um capítulo teórico a explicar o que é leitura, literatura e seu papel na escola, na sociedade e na cultura. A segunda, pela afirmação de que professorado e alunado desconheciam a literatura que estava sendo produzida no período, dada a minuciosa descrição metodológica da pesquisa de campo, motivação esta que levaram os pesquisadores a criar o Guia para torná-la conhecida e assim ser mais bem aceita pelos alunos.

Há todo um modo de vida e de produção social e cultural cujo exame de um Guia como este possibilita identificar de que maneira um determinado grupo constrói e tenta impor formas de intervir nos espaços escolares, sendo, portanto, uma fonte documental histórica sobre a circulação de livros e impressos de orientação pedagógica que possibilita diferentes olhares para a composição e uma história da leitura e da literatura infanto-juvenil no Brasil.

O Guia de Leitura (1989), sem desconsiderar a força que mobilizou pesquisadores e seus esforços, manteve então as mesmas características dos demais guias, presumindo não só má formação docente, tentando ensinar a escolher paradidáticos mais adequados à cada faixa etária, porém seguindo-se a seriação escolar e, sobretudo, sendo refém de um mercado editorial em franca expansão nesse período, mas que no limite, tem ditado as regras da produção de livros. Nesse sentido, o Guia passou pelas mesmas etapas dos impressos comerciais: o escritor, editores/livreiros, diagramação, impressão, distribuidores, vendedores e leitores e, estreitamente associadas, em sua globalidade e variações ao longo do tempo, com o econômico, social, político e cultural.

Referências

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRADE, M. de. O movimento modernista. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.
- ARIÈS, P. *História social da família e da infância*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V.T. de. A Literatura infantil nos anos 80. In: SERRA, E. D. (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas (SP): Mercado das letras/ALB. 1998. (Coleção Leitura Brasil).
- BRASIL (MEC). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º Graus, e dá outras providências.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Câmara dos Deputados/Centro de Documentação e Informação, 1988.
- BRASIL. (MEC). *Guia de leitura para alunos de 1º e 2º Graus*. Centro de Pesquisas literárias, PUCRS. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: INEP/MEC; Porto Alegre, RS: CPL, PUCRS, 1989. (Biblioteca da Educação, série 1. Escola; v. 6).
- BRASIL (MEC). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996. LDBEN/96. Brasília, DF. 1996.
- BRASIL (MEC). Lei Federal nº 11.114 de maio de 2005. Brasília, DF: 2005.
- BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna*. 2 ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CALDEIRA, C. *História do livro: Do papiro ao papel manufaturado*. Espaço Aberto, n. 24, outubro, 2002.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, pp. 803-809, set. 1972.
- CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- COELHO, N. N. *A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quíron, Brasília: INL, 1981.
- CORSO, G. K. Bosquejos, florilégios, histórias: adaptações para jovens leitores. In: 6º Seminário de literatura infanto-juvenil/i seminário internacional de literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária, de 15 a 17 de outubro de 2014, UFSC.
- COSTA, B. C. R. *Monteiro Lobato, um modernista desprezado*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL/UFP). Recife, 2012.
- CUCINOTTA, M. G., TILESLE, C., VENERUSO, S. (Produtores), CHAREF, M., LUND, K., KUSTURICA, E., CHAREF, M., VENERUSO, S., WOO, J.; LEE, S., SCOTT, J., SCOTT, R. (Diretores). *Crianças invisíveis*. [filme-documentário]. França/Itália, 2005.

- CUNHA, M. M. A. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1995.
- ESCARPIT, D. *La literatura infantil y juvenil en Europa*. Trad. Diana Flores. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.
- ECO, U. *A vertigem das listas*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- GOUVÊA, M. C. S. de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, n.1, pp. 77-89, jan./abr. 2005.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villa-Lobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo G. de Souza. 2 ed. revisada e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosacnaif, 2010.
- LAJOLO, M. A modernidade em Monteiro Lobato. *Letras de Hoje: Revista Eletrônica da PUC-RS*, n.º 15 (3), pp. 15-22, 1983.
- LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (org.). *A leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (orgs.) *As crianças: contexto e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho, 1997.
- POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Trad. Suzana M. de Alencar Carvalho e José Laurentino de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2005.
- SILVA, N. C. Intertextualidade e memória da literatura em Contos da Carochinha, de Figueiredo Pimentel. *Manuscrita S: Revista de crítica genética*, n.º 37, 2019.
- ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 5 ed. Revista e ampliada. São Paulo: Global, 1985.

Livros selecionados para 1ª série do 1º Grau

- ALMEIDA, E. M. de. *Meu cavalo invisível*. Il. Paulo Tenente. São Paulo (SP): Moderna (Col. Girassol), 23p., 1985
- ALMEIDA, F. L. de. *Luciana e a bolsinha nova*. Il. Agostinho Gisé. São Paulo (SP): Ática, 32p., 1985.
- ALMEIDA, F. L. de. *Luciana em casa da vovó*. Il. Agostinho Gisé. São Paulo (SP): Ática (Col. Olho Vivo), 32p., 1985
- ALMEIDA, F. L. de. *Luciana na janela*. Il. Agostinho Gisé. São Paulo (SP): Ática (Col. Olho Vivo), 32p., 1985
- ALMEIDA, F. L. de. *Luciana na pracinha*. Il. Agostinho Gisé. São Paulo, SP: Ática (Col. Olho Vivo), 32p., 1985
- ANÔNIMO. *O rato da cidade e o rato do campo*. Trad./adapt. de Mônica Feichtner e Debbie Allright. São Paulo (SP): Siciliano, 12p., 1984
- AZEVEDO, R. (org.). *Moça formosa, pai carrancudo*. São Paulo (SP): FTD, 16p. 1986.

- BELINKY, T. *O caso dos ovos*. Il. Luís Camargo. São Paulo (SP): Ática, 24p., 1986.
- BERNARDINO, A. *Maria-fumaça*. Il. Zé Flavio Teixeira. São Paulo (SP): Ática. (Série Lagarta Pintada), 24p., 1985.
- CARRASCO, W. *Abaixo o bicho-papão*. Il. Eva Furnari. São Paulo (SP): Cultrix (Coleção do Peixinho), 20p., 1984.
- COELHO, S.A.P. *Gigi*. Il. Marcelo Moreira. Belo Horizonte (MG): Editora Lê, 12 p. 1985.
- COELHO, S.A.P. *Bola melada, cola colada*. Il. Ana Raquel. Belo Horizonte (MG): Editora Lê, 12 p., 1985
- COELHO, S.A.P. *Moto de brinquedo*. Il. Humberto Guimarães. Belo Horizonte (MG): Editora Lê, 12p., 1985.
- COELHO, S.A.P. *No cabide da vovó*. Il. Ana Raquel. Belo Horizonte (MG): Editora Lê, 11 p. 1985.
- COELHO, S.A.P. *O azar do Curuçá*. Il. Edna de Castro. Belo Horizonte (MG): Editora Lê, 12 p. 1985.
- COELHO, R. S. *Macaquinho*. Il. Eva Furnari. Belo Horizonte (MG): Editora Lê, 5. ed., Série Chuvisco, 16p. 1984.
- COELHO, R. S. *O pato poliglota*. Il. Alcy. São Paulo (SP): Ática. (Col. Lagarta Pintada), 24p. 1985.
- DUARTE, R. *Quem casa quer casa*. Il. Ana Raquel. Belo Horizonte (MG): Editora Lê, 24p. 1985.
- FELIX, M. *A nova aventura do ratinho*. São Paulo (SP): Melhoramentos, 32p. 1985.
- FELIX, M. *O ratinho que morava no livro*. São Paulo (SP): Melhoramentos, 32p, 1985.
- FRANÇA, M. *A roupa do rei*. Il. Eliardo França. São Paulo (SP): Ática, 12p., 1986.
- FURNARI, E. *Zuza e Arquimedes*. São Paulo, SP: Paulinas, 2 ed. (Col. Ponto de encontro), 24p., 1985.
- GUIMARÃES, M.M. *Cara de lua cheia*. Belo Horizonte, MG: Editora Bakana, 1986. (Coleção: Entrou por uma porta e saiu pela outra).
- GÓES, L. P. *A maior boca do mundo*. Il. Cláudia Scatamacchia. São Paulo (SP): Ática, 32p., 1984.
- GÓES, L. P. *O dedal da vovó*. Il. Naomy Kuroda. São Paulo (SP): FTD, 24p., 1985.
- GRIMM, J.; GRIMM, W. *Chapeuzinho Vermelho*. Trad. Verônica Sônia Kühle e Nelson Boeira Faedrich. Porto Alegre (RS): Kuarup, (Col. Era uma vez), 32p., 1985.
- IVAN & MARCELLO. *O saco*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira 3 ed. 28p., 1984.
- JUNQUEIRA, S. *O barulho fantasma*. Il. Martin. São Paulo (SP): Ática, 24p. (Série Estrelinha), 1984.
- JUNQUEIRA, S. *O caracol viajante*. Il. Michele. São Paulo (SP): Ática, 24p. (Série Estrelinha 2), 1984.
- JUNQUEIRA, S. *O galo maluco*. Il. Alcy. São Paulo (SP): Ática, 2 ed. (Col. Estrelinha 1), 16p.,1985.

- JUNQUEIRA, S. *O pato e o sapo*. Il. Alcy. São Paulo (SP): Ática, 2 ed. (Col. Estrelinha 1), 24p., 1985.
- JUNQUEIRA, S. *O peixe pixote*. Il. Martin. São Paulo (SP): Ática, 2 ed. (Col. Estrelinha 3), 24p., 1985.
- JUNQUEIRA, S. *Um palhaço diferente*. Il. Martin. São Paulo (SP): Ática, 2 ed. (Col. Estrelinha 3), 24p., 1985.
- LUNA, C. *Pintinho pelado*. Il. Ricardo Azevedo. Rio de Janeiro (RJ): Ao livro técnico (Col. Na Ponta da Língua), 12p., 1986.
- MACHADO, J. *Ida e volta*. Rio de Janeiro (RJ): Agir (3 ed.), 32p., 1985.
- MAZZETTI, E. *Cara de lua cheia*. Il. Márcia Meyer Guimarães. Belo Horizonte (MG): Bakana. (Col. entrou por uma porta e saiu pela outra), 12p., 1986.
- ORTHOFF, S. *Pomba Colomba*. Il. Sonia Maria de Souza. São Paulo (SP): Ática. (Série Lagarta Pintada), 32p., 1984.
- PACHECO, A. C. *Medo do escuro*. Il. Omar Grassetti. São Paulo (SP): Ática. 3 ed. (Série Pique) 24p., 1985.
- RETTA. *Nuvem Menina*. Porto Alegre (RS): L& PM, 23p., 1985.
- SALDANHA, P. *Tuc-Tuc na cidade*. Rio de Janeiro (RJ): Memórias Futuras. 1986.
- VERDOLIN FILHO, V. *Gilberto*. Belo Horizonte (MG): Vigília (Col. Coração 2), 16p., 1985.
- VILAS BÔAS, C. e Orlando. *Pachachá e o peixinho*. Il. Milton Rodrigues Alves. Porto Alegre (RS): Kuarup. (Col. Pachachá), 16p., 1986.
- WEISS, M. *Papai virou cambalhota*. Il. Heloísa Schneider da Silva. Porto Alegre (RS): Mercado Aberto. (Série Cambalhota), 16p., 1984.

Recebido em: 23/06/2020

Aceito em: 12/09/2020